

## Os diferentes pontos de vista evocados em textos sobre as eleições presidenciais de 2018: a polifonia de enunciadores em charges políticas

The different points of view evoked in texts about the 2018 presidential elections: the polyphony of enunciators in political cartoons

Hugo Fernando da Silva Nascimento<sup>1</sup>  
Erivaldo Pereira do Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente artigo, objetivamos analisar os diferentes efeitos de sentido evocados pelo fenômeno semântico-argumentativo da polifonia de enunciadores em charges políticas veiculadas durante o ano de 2018. Nosso trabalho filia-se à área da Semântica Argumentativa e assume natureza descritiva, porquanto descreve as funções do fenômeno da polifonia de enunciadores nas charges que compõem nosso *corpus*. Este trabalho possui, também, caráter qualitativo, uma vez que avalia os dados catalogados a partir dos estudos sobre argumentação, polifonia e gênero charge feitos pelos seguintes teóricos: Ducrot (1987; 1988); Nascimento (2021); Romualdo (2000); entre outros. Constatamos, após nossas análises, que a polifonia de enunciadores é um fenômeno comum na charge e pode ser ativada, essencialmente, através de três estratégias linguísticas principais: a) Enunciados negativos; b) pressuposição ativada por expressões/palavras iterativas, de mudança ou permanência de estado; e c) uso de operadores argumentativos. A recorrência da polifonia de enunciadores em nosso *corpus* sugere-nos que a charge é um gênero complexo, cujo espaço enunciativo é palco constante da exposição de pontos de vista enunciativos conflitantes, irônicos ou assimilativos por parte do locutor-chargista ou dos personagens linguísticos criados por ele.

**Palavras-chave:** Semântica Argumentativa. Polifonia de enunciadores. Gênero charge.

**Abstract:** In this article, we aim to analyze the different meaning effects evoked by the semantic-argumentative phenomenon of enunciator polyphony in political cartoons published during the year 2018. Our work is aligned with the field of Argumentative Semantics and assumes a descriptive nature, as it describes the functions of the phenomenon of enunciator polyphony in the cartoons that make up our corpus. This study also has a qualitative character, since it evaluates the cataloged data based on studies on argumentation, polyphony, and the cartoon genre conducted by the following theorists: Ducrot (1987; 1988); Author (2021); Romualdo (2000), among others. After our analyses, we found that enunciator polyphony is a common phenomenon in cartoons and can be essentially activated through three main linguistic strategies: a) Negative utterances; b) presupposition triggered by iterative expressions/words indicating change or continuity of state; and c) the use of argumentative operators. The recurrence of enunciator polyphony in our corpus suggests that the cartoon is a complex genre, whose enunciative space is a constant stage for the expression of conflicting, ironic, or assimilative enunciative viewpoints, whether from the cartoonist-speaker or the linguistic characters created by them.

**Keywords:** Argumentative Semantics. Polyphony of enunciators. Cartoon Genre.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: [hugofernando471@gmail.com](mailto:hugofernando471@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa, PB, Brasil. Endereço eletrônico: [erypn@hotmail.com](mailto:erypn@hotmail.com)

## Introdução

A charge é um gênero crítico-opinativo do domínio jornalístico, presente atualmente tanto em jornais de papel (suportes físicos) quanto em redes sociais e páginas da internet (suportes virtuais). Ela se caracteriza precípua mente, não por informar ou relatar fatos, mas por trazer críticas ou opiniões a respeito de algum fato já veiculado pela mídia ou ainda a respeito de um aspecto social relevante, segundo a ótica do chargista — o profissional que faz a charge.

A charge também pode ser entendida como um texto multimodal que apresenta uma crítica de caráter humorístico e reflexivo, geralmente, a um aspecto social que se deseja questionar. Apesar de curta em tamanho, a charge é um texto rico em significação e se apresenta como o palco para um constante diálogo entre vozes e pontos de vista de diferentes sujeitos discursivos.

Acerca do estudo das diferentes vozes e pontos de vista presentes em um enunciado, podemos citar a obra do linguista francês Oswald Ducrot o qual chamou atenção para dois conceitos inter-relacionados: o caráter argumentativo da língua e o aspecto polifônico da enunciação. No que diz respeito ao caráter argumentativo da língua, Ducrot (1988) averiguou que a noção de argumentação está não nos fatos veiculados por determinado locutor durante uma enunciação, mas nas possibilidades ou impossibilidades que a língua impõe ao falante ao utilizar as palavras do léxico dela. Contrariando o pensamento comum até então, o linguista percebeu que a argumentação era algo inerente à própria língua e que dizia respeito mais à orientação semântica que se buscava dar a determinado enunciado do que a um mero construto de ideias feitas por um sujeito.

Com relação ao aspecto polifônico da enunciação, Ducrot (1987) explica que a polifonia é um fenômeno constitutivo dos enunciados linguísticos. Desse modo, em um enunciado qualquer, por exemplo, não teríamos apenas uma única voz, mas várias vozes se expressando ao mesmo tempo. Ele acrescenta que, apesar de a enunciação ser uma ação fisicamente praticada apenas por um único sujeito; do ponto de vista linguístico, a imagem discursiva criada no enunciado corresponde a um diálogo hierarquizado de falas.

Ducrot distingue dois tipos de polifonia: a polifonia de locutores e a polifonia de enunciadores. A primeira diz respeito à presença de diferentes vozes em um mesmo enunciado, no qual é possível reconhecer — além da voz do locutor um (L1), o sujeito responsável pelo enunciado como um todo — vozes de um ou mais locutores (L2, L3, Ln...) introduzidos dentro da fala do locutor responsável pelo discurso como um todo (L1). O segundo tipo de polifonia, a qual será o foco de nosso estudo, relaciona-se à presença de diferentes pontos de vista - chamados pelo autor de *enunciadores* - que demonstram uma posição, atitude, ou perspectiva do locutor responsável pelo discurso como um todo ante alguma coisa informada no enunciado.

Portanto, no presente artigo, vamos nos apropriar, teoricamente, dos conceitos de argumentação e polifonia para analisar como esses fenômenos da linguagem se materializaram em um *corpus* de charges políticas sobre as eleições brasileiras do ano de 2018. Nossa objetivo principal, neste artigo, é analisar quais efeitos de sentido são construídos quando o locutor-chargista põe em cena diferentes pontos de vista enunciativos mediante o uso da polifonia de enunciadores. Objetivamos também identificar quais tipos de enunciadores são recorrentemente colocados no espaço enunciativo da charge, quais posicionamentos discursivos o chargista adota em relação a esses enunciadores e quais estratégias ou recursos linguísticos são utilizados para ativar a polifonia de enunciadores no gênero charge.

Nossa pesquisa assume natureza descritiva, porquanto descreve as funções do fenômeno da polifonia de enunciadores nas charges que compõem nosso *corpus*. Ela possui, também, caráter qualitativo, uma vez que avalia os dados catalogados a partir dos estudos sobre argumentação e sobre charge feitos pelos seguintes teóricos: Ducrot (1987; 1988); Nascimento (2021); Romualdo (2000), entre outros.

O leitor poderá observar que o texto deste artigo está dividido, respectivamente, em quatro seções: introdução; fundamentação teórica; análises e considerações finais. Na introdução, apresentamos, de modo geral, nossa proposta e pesquisa. Na seção fundamentação teórica, explanaremos os autores e os conceitos utilizados para embasar este trabalho. Na seção de análises, apresentamos brevemente os procedimentos metodológicos adotados, esclarecendo também como ocorreram os processos de coleta, seleção e análise das charges. Além disso, trazemos a análise de cinco (5) charges com ocorrência da polifonia de enunciadores. Finalmente, em considerações finais, tecemos comentários e trazemos algumas conclusões a que chegamos por meio de nossa pesquisa.

## **Polifonia e Argumentação**

O conceito de argumentação remonta à Grécia Antiga e, inicialmente, estava relacionado à arte da persuasão, também chamada de Retórica. Segundo Pacheco (1997), com o desenvolvimento da democracia, os cidadãos atenienses passaram a participar de modo mais direto nas assembleias populares, nas quais era necessário que os indivíduos apresentassem justificativas bem fundamentadas para determinada opinião ou projeto que quisessem referendar.

Com isso, desde o surgimento da Retórica Clássica com os gregos, o conceito de argumentação esteve associado à ideia de construir um discurso convincente e de difícil refutação. Ducrot (1988), um dos principais teóricos da Semântica Argumentativa, por outro lado, compreendeu que a noção de argumentação está na própria língua e não nos fatos veiculados por um orador durante uma exposição verbal.

En efecto, a mi juicio el empleo de una palabra hace posible o imposible una cierta continuación del discurso y el valor argumentativo de esa palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina. [...] En resumen, el valor argumentativo de una palabra es el papel que pueda desempeñar en el discurso. (Ducrot, 1988, p. 51)<sup>3</sup>

Para Ducrot, a argumentação reside nas possibilidades ou impossibilidades que a língua impõe ao falante ao utilizar as palavras do léxico. Desse modo, ao optar por determinada palavra — em detrimento de outra — o locutor sinaliza para seu interlocutor a que ponto deseja encaminhar o discurso. Em outras palavras, o valor argumentativo de uma palavra está diretamente relacionado ao papel semântico que ela pode desempenhar no discurso, na medida em que ela tornará possível certas continuações e, ao mesmo tempo, impossibilitará outras.

Ducrot (1988) considera que o uso da língua nunca é neutro nem se resume à mera descrição objetiva da realidade, por isso ele rejeita a concepção tradicional de sentido dos enunciados. A concepção tradicional de sentido postula que, em um enunciado qualquer, existirão indicações objetivas, que consistem em uma representação isenta da realidade; indicações subjetivas, que representam o posicionamento do locutor ante essa realidade e as indicações intersubjetivas, que se referem às relações que o locutor estabelece com os outros sujeitos discursivos. Assim, na análise de um enunciado, como “Pedro é inteligente”, o aspecto objetivo seria a descrição do indivíduo Pedro; o aspecto subjetivo seria a admiração que o locutor sente por Pedro ao caracterizá-lo como inteligente, e os aspectos intersubjetivos corresponderiam, em última análise, a determinados comportamentos que o locutor sinaliza ao interlocutor que este poderia assumir em relação a Pedro.

Notadamente Ducrot se opõe a esse tipo de análise semântica e rechaça a divisão tradicional em elementos objetivos, subjetivos e intersubjetivos, pois, para ele, a linguagem não possui uma parte objetiva, tampouco tem como função primária o mero descrever da realidade. Para ele, a linguagem possui elementos argumentativos, os quais fazem parte da estrutura do nosso idioma e que nos possibilitam indicar uma orientação específica para os enunciados produzidos. Esses elementos linguísticos podem ser chamados de operadores argumentativos.

Similarmente Koch (2012) entende os operadores argumentativos como recursos linguísticos que materializam a argumentação nos enunciados em que aparecem, podendo eles, a depender da situação textual, indicar diferentes orientações discursivas. A noção de operadores argumentativos engloba muitos dos itens lexicais classificados pela gramática

<sup>3</sup> De fato, para mim, o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso, e o valor argumentativo de uma palavra é o conjunto de possibilidades ou imposibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina [...] Em resumo, o valor argumentativo de uma palavra é o papel que ela pode desempenhar no discurso. (Tradução nossa)

tradicional como conjunções ou locuções conjuntivas. Koch (2012) aponta vários tipos desses operadores, entre os quais:

- a) Operadores que somam argumentos comuns em razão de uma mesma conclusão.  
Ex.: e, também, além de, não só... mas também etc.
- b) Operadores que apresentam uma conclusão em relação ao segmento antecessor.  
Ex.: portanto, logo, pois, por conseguinte etc.
- c) Operadores que apresentam argumentos alternativos que ativam conclusões opostas entre si. Ex.: ou, quer... quer etc.
- d) Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos. Ex.: tão... como, mais que, menos que etc.
- e) Operadores que trazem uma explicação presente no argumento do segmento antecessor. Ex.: porque, pois, já que etc.
- f) Operadores que contrapõem informações. Ex.: mas, porém, contudo, embora, apesar de etc.

Além dos operadores argumentativos, que são recursos que a língua dispõe para materializar a argumentação, existem fenômenos linguístico-enunciativos que ativam a argumentação, um deles é a polifonia. Polifonia, dentro do escopo da Semântica Argumentativa, pode ser entendida como um fenômeno semântico-argumentativo e enunciativo constitutivo dos enunciados linguísticos, como postula o próprio Ducrot:

He querido adaptar la noción de polifonía al análisis propiamente lingüístico de esos pequeños segmentos de discurso que llamamos enunciados. Intentaré mostrar que el autor de un enunciado no se expresa nunca directamente, sino que pone en escena en el mismo enunciado un cierto número de personajes. El sentido del enunciado nace de la confrontación de esos diferentes sujetos: el sentido del enunciado no es más que el resultado de las diferentes voces que allí aparecen. (Ducrot, 1988, p. 16)<sup>4</sup>

Como explica Ducrot (1988), o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas põe, em cena, vários personagens linguísticos, que precisam ser identificados para que os efeitos de sentido veiculados possam ser compreendidos. A presença desses diversos personagens linguísticos, no enunciado, é o que ativa a ocorrência do fenômeno semântico-argumentativo da polifonia. A polifonia, portanto, está relacionada às diferentes vozes e pontos de vista introduzidos pelo sujeito responsável pelo discurso como um todo. Para Ducrot, a

---

<sup>4</sup> Eu quis adaptar a noção de polifonia à análise propriamente linguística desses pequenos segmentos de discurso que chamamos de enunciados. Procurarei mostrar que o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas coloca em cena, no mesmo enunciado, um certo número de personagens. O sentido do enunciado nasce do confronto destes diferentes sujeitos: o sentido do enunciado nada mais é do que o resultado das diferentes vozes que ali aparecem. (Tradução nossa)

análise polifônica de um enunciado é vital porque o sentido do enunciado nasce da confrontação das vozes dos diferentes sujeitos linguísticos ali representados.

Desse modo, em um enunciado qualquer, por exemplo, não teríamos apenas uma única voz que se expressa, mas várias. Em consonância com esse postulado, Ducrot se opõe à concepção de unicidade do sujeito falante, segundo a qual há sempre apenas um único sujeito que se expressa nos enunciados linguísticos, a saber, o sujeito empírico (doravante SE). Por sujeito empírico, pode-se entender o indivíduo físico que realiza a ação de enunciar algo no mundo real.

Ducrot evita trabalhar, em suas análises semânticas, com a ideia de SE, pois, em primeiro lugar, discorda da ideia de que o sujeito discursivo seja uno. Em segundo lugar, ele também entende que, nem sempre, o SE coincide com o locutor responsável pelo discurso como um todo (doravante L). Em terceiro lugar, por julgar que a ideia de identificar quem seja o SE responsável por cada enunciação extrapola o trabalho do linguista. Por esses motivos, Ducrot pauta suas análises apenas no L, que é um personagem discursivo ao qual se pode implicar certo trecho de fala.

Como dito, Ducrot distingue dois tipos de polifonia: a polifonia de locutores e a polifonia de enunciadores. Esta relaciona-se à presença de diferentes vozes em um mesmo enunciado, no qual é possível reconhecer, além da voz do locutor um (L1), vozes de um ou mais locutores (L2, L3, Ln...) introduzidos dentro da fala do locutor responsável pelo discurso como um todo (L1). Ducrot enxerga esse tipo de polifonia como criando a imagem discursiva de um diálogo hierarquizado de falas dentro do enunciado.

O segundo tipo de polifonia, que será o foco de nosso estudo, relaciona-se à presença de diferentes pontos de vista — chamados pelo autor de *enunciadores* — um personagem linguístico fictício que difere dos locutores de fala. Ducrot (1987, p. 191) diz: “Já assinalei uma primeira forma de polifonia, quando assinalei a existência de dois locutores distintos”, agora “A noção de enunciador me permitirá descrever uma segunda forma de polifonia bem mais freqüente”. Ele chama esses seres linguísticos que se expressam unicamente através da enunciação, sem que lhes sejam atribuídas palavras específicas, de enunciadores.

Llamo enunciadores a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan en el enunciado. No son personas sino “puntos de perspectiva” abstractos. El locutor mismo puede ser identificado con algunos de estos enunciadores, pero en la mayoría de los casos los presenta guardando cierta distancia frente a ellos. (Ducrot, 1988, p. 20)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Chamo de enunciadores as fontes dos diferentes pontos de vista que se apresentam nos enunciados. Eles não são pessoas, mas “pontos de vista” abstratos. O próprio locutor pode se identificar com alguns desses enunciadores, mas, na maioria dos casos, ele os apresenta mantendo certa distância. (Tradução nossa)

Os enunciadores (doravante E) são pontos de vista trazidos para dentro do discurso pelo locutor responsável pelo discurso como um todo, sem que se possa atribuir a eles trechos específicos de fala. Como demonstra Ducrot (1987), eles “falam” no sentido da enunciação, mas não no sentido material do termo, diferindo em natureza dos locutores presentes na polifonia de locutores.

Dizemos que um enunciado ativa polifonia de enunciadores quando nele podemos encontrar a presença de pontos de vista que demonstrem uma posição, atitude, ou perspectiva ante alguma coisa informada no enunciado. Convém ainda pontuar que, para Ducrot (1988), a descrição do sentido de um enunciado polifônico não consiste apenas em identificar quais são esses pontos de vista (os enunciadores) presentes, mas em averiguar quais os posicionamentos assumidos pelo locutor em relação a esses pontos de vista, isto é, ele os assimila, rechaça-os ou simplesmente os apresenta.

Várias estratégias ou mecanismos linguísticos podem ativar a polifonia de enunciadores em um enunciado linguístico. Como é o caso de certas negações. Em enunciados negativos do tipo não-P<sup>6</sup>, temos, como explica Ducrot (1988), dois enunciadores: um primeiro enunciador E1 que expressa um ponto de vista qualquer P, e um segundo enunciador E2 que realiza o rechaço desse ponto de vista, como ocorre no enunciado *Eu não comi o bolo de chocolate que estava em cima da mesa*.

Ao dizer o enunciado negativo “Eu não comi o bolo de chocolate que estava em cima da mesa”, põe-se em cena, de certa forma, o ponto de vista positivo de que alguém teria comido o bolo de chocolate que estava em cima da mesa (E1: Eu comi o bolo...). O segundo enunciador que se opõe a esse primeiro é aquele que está expresso textualmente na negação “Não fui eu ...”, que evoca o ponto de vista (E2: Eu não comi o bolo). Conforme diz Ducrot (1988), um enunciado negativo nada mais é do que uma espécie de diálogo entre dois enunciadores contrários entre si (positivo e negativo) e que, de certa maneira, por trás da maioria das negações existe uma afirmação subjacente.

Outro recurso linguístico que ativa a polifonia de enunciadores é o uso de expressões pressupositivas iterativas, bem como aquelas que indicam mudança ou permanência de estado. De acordo com Ducrot (1987), a pressuposição envolve a presença de conteúdos informacionais expressos no próprio enunciado, chamados postos, e a presença de conteúdos informacionais não expressos, mas que podem ser inferidos, chamados pressupostos.

Em um enunciado como “João ficou pobre”, temos como posto a informação presente textualmente no enunciado (*João ficou pobre*) e como pressuposto a informação de que anteriormente João não era pobre (*Ele era rico*). Essa primeira informação que destaca a atual condição pobre de João configura-se como o ponto de vista um (E1). Por sua vez, a

---

<sup>6</sup> Não-P significa negação de uma proposição.

informação que destaca a anterior condição de riqueza material de João configura-se como o ponto de vista dois (E2). Ambos são pontos de vista colocados em cena pelo locutor discursivo responsável pelo enunciado. Ao mesmo tempo, nota-se que ele, o locutor, assume determinados posicionamentos em relação aos enunciadores que introduz: ele assimila o posto E1 e aprova o pressuposto E2, como propõe Ducrot (1988).

Outras formas de ativar a pressuposição em enunciados linguísticos são as expressões pressupositivas iterativas e expressões de mudança ou permanência de estado. Chamamos *expressões iterativas*, conforme Moura (2000), aquelas expressões que deixam implícitas que determinada ação indicada no enunciado já havia ocorrido anteriormente em outro momento.

Em uma sentença como “João ganhou *de novo* na loteria”, a expressão iterativa “*de novo*” deixa posta, no enunciado, a informação de que João ganhou na loteria recentemente (E1) e, por outro lado, deixa pressuposta a informação de que ele já havia ganhado outrora (E2). Ambos são pontos de vista colocados em cena pelo locutor discursivo responsável pelo enunciado, que assimila o posto E1 e aprova o pressuposto E2.

Expressões que indicam mudança ou permanência de estado são igualmente mecanismos ativadores de pressupostos e, por consequência, da polifonia de enunciadores. Chamamos aqui *expressões de permanência de estado*, conforme Moura (2000), locuções que contenham conteúdos semânticos que impliquem em permanência ou continuidade ininterrupta de um estado qualquer. Por outro lado, compreendem-se como *expressões de mudança de estado*, segundo Moura (2000), expressões presentes em enunciados que contenham conteúdos semânticos que assinalem alteração de um estado qualquer.

Outro recurso linguístico que ativa a polifonia de enunciadores é o uso de operadores argumentativos. Um exemplo de operador capaz de ativar tal fenômeno semântico é o operador argumentativo de contraposição *Mas*. Em um enunciado como “Ele é rico, mas é infeliz”, o operador “Mas” é capaz de ativar diversos pontos de vista ao mesmo tempo. Isso ocorre porque, ao contrapor o segmento inicial “ele é rico”, com o segmento final “não é feliz”, deixam-se implícitos vários pontos de vista que ativam determinadas conclusões (*r* e *não ~r*), como explica Ducrot (1988).

Analisando mais atentamente o enunciado, encontramos um ponto de vista inicial (E1: Ele é rico), que ativa uma conclusão *r* (E2: a riqueza traz a felicidade) que seria também um segundo enunciador. Tal conclusão é contraposta pelo uso do operador de contraposição *mas*, a um terceiro enunciador (E3: Mas é infeliz) que aponta para o rechaço da felicidade. A partir desse terceiro enunciador, pode-se ainda depreender um quarto enunciador (E4: a riqueza não traz a felicidade) chamado por Ducrot de conclusão *~r*, a qual se opõe à conclusão *r*.

Percebemos também que, ao enunciar “Ele é rico, mas é infeliz”, o locutor responsável pelo discurso como um todo assume determinados posicionamentos a respeito dos

enunciadores que ele põe em cena. Mais especificamente, poderíamos dizer que L apresenta E1 (ele é rico), rechaça E2 (a riqueza traz a felicidade), identifica-se com E3 (mas não é feliz) e com E4 (a riqueza não traz a felicidade). Infere-se, então, que, a partir da análise de operadores argumentativos em enunciados, podem ser depreendidos vários pontos de vista específicos.

É importante deixar sinalizado aqui que atualmente existem estudos mais recentes na área da Semântica Argumentativa que reformulam as ideias de argumentação na língua e de polifonia enunciativa propostas inicialmente por Ducrot (1987; 1988). Tratam-se de teorias semânticas mais atuais que ressignificam o estudo da argumentação e da polifonia, quais sejam a Teoria dos Blocos semânticos (TBS) e a Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP), ambas de autoria da linguista francesa Marion Carel. A primeira teoria parte da ideia de que o sentido de um enunciado pode ser explicado através das sentenças argumentativas encadeadas a partir dele.

No que diz respeito à Teoria Argumentativa da Polifonia, são feitas algumas mudanças conceituais em relação à Teoria da Polifonia propostas por Ducrot (1988). Podemos citar o conceito de enunciador – tido por Ducrot como pontos de vista – que acaba por ser incorporado ao conteúdo dos enunciados, por Carel (2011). Outro exemplo são os posicionamentos assumidos pelo locutor em relação a um enunciador. Ducrot diz que podem ser de rechaço, assimilação ou apresentação. Carel (2011), por outro lado, entende que um locutor pode assumir apenas três atitudes discursivas em relação a um conteúdo presente no enunciado: *pôr, concordar ou excluir* um conteúdo.

Apesar de reconhecermos a existência de estudos mais modernos sobre argumentação e polifonia, decidimos utilizar, para fins deste trabalho, o conceito de “polifonia de enunciadores” segundo Ducrot (1987; 1988). Tal escolha teórico-metodológica deveu-se principalmente ao fato da elevada ocorrência desse fenômeno semântico-argumentativo, o qual esteve presente em cerca de 41,5% dos textos catalogados por nós. Além disso, observamos que tanto o uso do conceito de polifonia de enunciadores quanto o de enunciador se mostraram produtivos em nossa análise e foram determinantes para a compreensão da argumentatividade do *corpus* atual. Assim, tanto em razão da produtividade quanto da importância que esse fenômeno adquire neste *corpus* em específico, que é a charge, optamos por permanecer fiéis à nomenclatura proposta por Ducrot e aos estudos da polifonia enunciativa feitos pelo autor.

## A polifonia de enunciadores em charge política

O presente artigo é resultado de uma investigação<sup>7</sup> subvencionada pela CAPES que pesquisou a coocorrência de fenômenos argumentativos em charges políticas sobre as eleições brasileiras do ano de 2018. Apresentamos aqui apenas um recorte dos resultados de uma investigação maior sobre as diferentes facetas do fenômeno polifônico em um *corpus* de 118 (cento e dezoito) charges.

Para realizar o citado estudo, coletamos diversas charges de temática política através da internet, em portais de jornais brasileiros e no portal eletrônico *Chargeonline*. Convém destacar que as charges foram coletadas no ano de 2018 em sites de acesso público. Atualmente, no entanto, no ano de 2025, algumas dessas charges não se encontram mais disponíveis nos endereços eletrônicos em que foram coletadas, especialmente porque o site *Chargeonline* saiu do ar há algum tempo. Por isso, optaremos, neste artigo, por descrever textualmente as imagens das charges analisadas. O leitor, no entanto, pode visualizar as imagens das charges através da consulta de nossa dissertação de mestrado, no banco de teses e dissertações da UFPB. Caso se deseje, o link na nota de rodapé conduzirá o leitor ao arquivo da dissertação<sup>8</sup>, tornando possível o acesso ao texto visual das charges aqui analisadas.

Durante o processo de coleta de textos, optamos por selecionar apenas textos com temáticas relacionadas às eleições brasileiras de 2018 e desdobramentos subsequentes aos meses da votação. A escolha dessa temática delimitadora deveu-se ao fato de uma eleição ser um acontecimento nacional de grande repercussão que altera a história de um país. Além disso, a disputa política gera polarização e divergência de opiniões, as quais se refletem nos textos veiculados naquele período sócio-histórico.

Como dito antes, nossa pesquisa assume natureza descritiva, porquanto descreve as funções do fenômeno da polifonia de enunciadores nas charges que compõem nosso *corpus*. Ela possui, também, caráter qualitativo, uma vez que avalia os dados catalogados a partir dos estudos sobre argumentação e sobre charge feitos pelos seguintes teóricos: Ducrot (1987; 1988); Nascimento (2021); Romualdo (2000); entre outros.

A seguir, analisaremos cinco (5) charges políticas que ilustram casos de polifonia de enunciadores. As duas primeiras apresentam o fenômeno da polifonia de enunciadores sendo ativada por enunciados negativos. A terceira demonstra a polifonia ativada pela pressuposição através do uso de expressões de mudança. As duas últimas demonstram como o uso de certos operadores argumentativos pode ativar diferentes pontos de vista dentro de um texto.

---

<sup>7</sup> Cf. Nascimento, 2021.

<sup>8</sup> Para acessar o arquivo referido, acesse: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20804>. As charges analisadas aqui correspondem, respectivamente, às charges de número 14, 16, 18, 19 e 20 da seção de análise do *corpus* - das páginas 121 a 132.

**Charge 1: Candidato pamonha**

*Descrição da imagem:* Em uma rua, caminham juntas duas pessoas. Ao fundo, passa um carro anunciando bem alto “PAMONHA PAMONHA PAMONHA”. Um dos pedestres diz: “Nesse candidato eu não voto”.

A charge 1, do chargista Luscar, foi publicada no portal *Chargeonline* no dia 08 de agosto de 2018. Nessa época do referido ano, a propaganda eleitoral já estava bem em evidência na mídia e nos espaços públicos. No plano visual da charge, vemos dois personagens a caminhar pela rua. Eles ouvem um carro de som ali próximo a ofertar pamonhas, isso faz com que um dos personagens se confunda (ou não) e diga que não votará no tal ‘Candidato Pamonha’.

Na charge 1, temos um caso de polifonia de enunciadores. Isso ocorre porque o locutor-chargista (L1), através dos personagens a que dá voz (L2 – carro anunciando e L3 – homem caminhando na calçada), passa a introduzir, dentro do espaço enunciativo da charge, certos pontos de vista – ou enunciadores. É possível observar, por exemplo, dentro da fala do locutor-personagem L3, a existência de dois enunciadores que são evocados através da negação presente na sentença “nesse eu NÃO voto”, a qual implica a sentença contrária “nesse eu voto”. Esquematizando o que foi comentado, teríamos:

E1: Eu não voto em candidato pamonha (enunciado negativo)

E2: Eu voto em candidato pamonha. (enunciado positivo)

Observamos que L1 (o locutor-chargista), através de um dos personagens linguísticos que cria (L3), põe em cena dois enunciadores contrários entre si (E1 e E2). Ele faz isso por lançar mão de uma das estratégias semântico-argumentativas disponíveis no repertório da língua: a negação. Podemos dizer que, ao utilizar a negação, o locutor-chargista ativa o fenômeno semântico-argumentativo da polifonia de enunciadores, pois, como explica Barbisan (2013), na negação, frequentemente, existem dois enunciadores: um que expressa um ponto de vista e outro que recusa esse ponto de vista.

No que diz respeito aos locutores discursivos presentes na charge (locutores-personagem e locutor-chargista), podemos dizer que eles assumem alguns posicionamentos acerca dos pontos de vista que introduzem. Acerca de E2 (o ponto de vista positivo), tanto L1 quanto L3 rechaçam-no e o ironizam. Por outro lado, quanto a E1 (Eu não voto em candidato pamonha), o locutor-personagem (L3), bem como o locutor-chargista (L1), assimilam-no.

Os efeitos de sentido gerados e a produção do humor da charge são resultados da associação entre a múltipla significação do vocábulo “pamonha”: (1) comida típica feita de milho e (2) indivíduo tolo, abobado; com o vocábulo “candidato”, isto é, um indivíduo que

concorre a um cargo político. A forma como esses sentidos foram relacionados dentro do texto nos leva a uma dupla possibilidade interpretativa: (a) o candidato anunciado pelo carro de som chamava-se realmente Pamona e, como não era a melhor opção, não receberia o voto de L3 ou (b) o carro de som estava apenas vendendo pamonhas e, daí, o trocadilho de L3 ao associar semanticamente o sentido (2) de pamona com a palavra candidato. Essa última interpretação (b) parece mais razoável, já que o locutor-chargista tem geralmente como objetivo ironizar e apresentar uma crítica político-social. Na charge 2, a seguir, vemos outra ocorrência de polifonia de enunciadores ativada por expressão negativa, bem como por um operador argumentativo.

**Charge 2: Fim não**

*Descrição da imagem:* Uma urna eletrônica registra, na tela, a palavra “fim”, sinalizando o encerramento da votação. Colocado sobre a tela da urna, há um bilhete escrito: “FIM NÃO! Apenas o início das consequências da sua escolha”.

A charge 2, do chargista Brum, foi publicada no jornal Tribuna do Norte em 29 de outubro de 2018, um dia após a votação de segundo turno, que ocorreu no dia 28 do mesmo ano. No plano visual, vemos uma urna eletrônica registrando em sua tela a confirmação de que a votação foi finalizada, no entanto, há um adendo, em forma de mensagem escrita, colado sobre o painel da urna, advertindo que aquilo não era o fim. Na charge em questão, temos a ativação de dois pontos de vista contrários entre si, presentes no adendo colado na urna:

E1: (É o) Fim. (enunciado positivo)

E2: Fim não! (enunciado negativo)

É perceptível, neste exemplo, a ideia de que toda negação contempla, subjacentemente, uma afirmação anteriormente enunciada. Na charge 2, isso ocorre mediante um ponto de vista primeiro (E1) presente na tela da urna eletrônica, ao qual se opõe o ponto de vista E2 presente no adendo de papel. L1, o locutor-chargista, que é o responsável pelo discurso da charge como um todo, vai introduzindo certos pontos de vista com os quais concorda ou discorda. Acerca de E1, o locutor-chargista rechaça esse ponto de vista, pois não concorda que seja o fim. Por outro lado, com relação a E2, ponto de vista oposto, ele o assimila.

Também se percebe, no enunciado, que o uso do operador *apenas* funciona como um meio de possibilitar a introdução de um terceiro enunciador (E3: Isso é apenas o início das consequências da sua escolha), o qual, por sua vez, traduz um ponto de vista de que a

responsabilidade de tudo de bom – ou de ruim – que vier a acontecer com o país é resultado do tipo de escolha feita pelo próprio eleitor na cabine de votação. Desse modo, podemos dizer que L1 assimila E3.

Além disso, temos uma ambiguidade lexical que explora dois sentidos atribuídos ao vocábulo “fim”: o fim da votação – exposto na tela da urna – e o fim das consequências decorrentes de se votar errado – anunciado pelo adendo afixado na urna. A identificação de ambos sentidos é central para a construção do humor nessa charge. Assim, o leitor (interlocutor) precisaria acessar e diferenciar ambos os sentidos atribuídos à palavra “fim” para compreender o enunciado.

Contrariando uma visão simplista de que o voto termina na cabine de votação, o locutor-chargista pretende demonstrar que é principalmente após a votação, que se iniciam, de fato, os desdobramentos da escolha feita pelo eleitor, o qual, por sua vez, deve estar preparado para arcar com as consequências positivas ou negativas de seu voto.

Como vimos na análise dessas duas últimas charges, a polifonia de enunciadores pode ser ativada através do uso de expressões negativas. Na charge 3 a seguir, veremos como o uso de expressões de permanência de estado pode ativar diferentes pontos de vista dentro de um texto.

### *Charge 3: Eleições acaloradas*

*Descrição da imagem:* um eleitor vai à cabine de votação exercer seu voto. Mas, ao chegar lá, percebe vários papéis no chão com mensagens de ódio, fake news e intolerância. Mais ao fundo, é possível ver grupos de leitores que discutem violentamente, agredindo-se por meio de palavras e ações.

A charge 3, do chargista lotti, foi publicada no jornal Zero Hora (RS) em 29 de outubro de 2018 – um dia após a votação de segundo turno. No plano visual da charge, ao fundo, são retratadas cenas de discussões, brigas e agressão causados por desentendimentos entre os próprios eleitores. No chão, estão papéis escritos com ideias que teriam caracterizado a eleição de 2018: intolerância, ódio, notícia falsa e *fake news*. No plano central, há um eleitor, caracterizado com as cores azul, verde e amarelo (as cores principais da bandeira brasileira) em frente a uma urna eletrônica, a dizer que não pode continuar a se encontrar com a urna em meio a um clima de tanto ódio.

Na charge em questão, a polifonia de enunciadores é ativada primeiramente através do marcador de negação presente na fala de L2 (brasileiro votante):

E1: Podemos nos encontrar assim. (Enunciado positivo)

E2: Não podemos nos encontrar assim. (Enunciado negativo)

Ao enunciar E2, evoca-se, por negação, o enunciador positivo E1. L2, o locutor-personagem, assume E2 e rechaça E1. L1, o locutor-chargista, faz o mesmo, assumindo E2 e rechaçando E1. Há, todavia, outro caso de polifonia de enunciadores na charge 3. Além da polifonia por expressão negativa, há também a evocação de mais dois pontos de vista mediante o uso do verbo de permanência de estado “continuar”. Esquematizando o que foi dito, teríamos:

E3: Não podemos continuar nos encontrando assim. (Posto)

E4: Nós já vínhamos nos encontrando assim há algum tempo. (Pressuposto)

Ao enunciar E3, pressupõe-se a existência de E4. Isso ocorre porque está, na natureza semântica do verbo de permanência *continuar*, a ideia subjacente de que já havia um estado anterior que vinha se prolongando por algum tempo. Acerca dos posicionamentos discursivos assumidos pelos locutores da charge em questão, L2 e L1 apresentam E3 e assimilam E4. Os efeitos de sentido transmitidos na charge são de que as eleições representam um momento de intensa discussão, conflito, intolerância e *fake news* – palavras essas que aparecem, inclusive, retratadas em papéis escritos no chão.

Como vimos na análise da última charge, a polifonia de enunciadores pode ser ativada pelo fenômeno da pressuposição através do uso de expressões iterativas, de mudança ou permanência de estado. Nas charges a seguir, veremos como uso de certos operadores argumentativos pode ativar diferentes pontos de vista dentro de um texto.

#### *Charge 4: Políticos ‘atacam’ comunidade*

*Descrição da imagem:* uma criança de uma comunidade carente, mais especificamente, um menino, cujos traços visuais são: cabelo crespo, pés descalços e torso sem camisa. O rosto da criança está repleto de beijos dados pelos políticos, que têm sua presença apontada pela criança, que diz enfaticamente: “MANHÊEE!!! Aquele pessoal que só aparece de quatro em quatro anos, já começou a atacar aqui na comunidade...”.

A charge 4, do chargista Brum, foi publicada no portal *Chargeonline* no dia 06 de agosto de 2018, cerca de dois meses antes da votação do 1º turno. Com a aproximação do mês das eleições (outubro), ocorreu a intensificação dos esforços das campanhas políticas, levando vários dos candidatos em pleito a irem até as ruas e comunidades carentes para simpatizar com moradores pobres e conseguir angariar mais votos para si.

No plano visual da charge, vemos o locutor-personagem (L2) um menino descalço e sem camisa, apenas de bermudas, representando o estereótipo de uma criança de comunidade carente. Nota-se que essa criança pobre está repleta de marcas de beijo,

representando expressões de afeto e carinho pelo menino, muito provavelmente dos políticos que vieram visitar a casa da família dele.

A polifonia de enunciadores, no texto em questão, foi ativada através do uso de certos operadores argumentativos (“Só” e “ainda”), que acabam por criar efeitos de sentido específicos e dar direcionamento discursivo ao texto chargístico. O uso desses operadores ativa determinados pontos de vista dentro da charge, esquematizando-os teríamos:

- E1: Aquele pessoal que só aparece de quatro em quatro anos. (Posto)
- E2: Aquele pessoal não aparece em outras ocasiões fora da eleição. (Pressuposto)
- E3: Aquele pessoal já começou a atacar aqui na comunidade. (Posto)
- E4: Aquele pessoal não tinha começado a atacar aqui na comunidade. (Pressuposto)

Observa-se que o locutor-chargista, utilizando-se de dois operadores argumentativos distintos (só e *ainda*), põe, em cena, quatro enunciadores distintos. O uso do operador “só” ativa dois enunciadores (E1 e E2). Por sua vez, o uso do operador “já” ativa outros dois enunciadores (E3 e E4).

Ao enunciar E1, deixa-se implícito o ponto de vista de que, em outras ocasiões fora da eleição, os políticos não fazem visitas a comunidades carentes, ideia descrita pelo enunciador E2. Por sua vez, ao enunciar E3, deixa-se implícita a ideia de que os políticos não haviam começado a “atacar” a comunidade até a iminência das eleições (E4).

Acerca desses pontos de vista colocados em cena, os sujeitos discursivos presentes na charge assumem determinados posicionamentos. O locutor-personagem L2, por exemplo, realiza a assimilação de E1, E2, E3 e E4 (todos os postos e os pressupostos). L1, porém, age de forma mais interessante porque, além de assimilar todos esses posicionamentos, ironiza dois deles: E2 e E4. A junção dessas duas atitudes discursivas (ironizar e assimilar) simultaneamente é interessante, pois, na maioria das vezes, conforme observamos, em outras charges de nosso *corpus*, os locutores-chargista optaram, geralmente, por negar os pontos de vista por eles ironizados.

Quanto aos efeitos de sentido gerados pela introdução de operadores argumentativos específicos, podemos dizer que o operador “só” aponta para a negação de uma totalidade (a ausência dos políticos em épocas distantes das eleições). Por sua vez, o operador “já” deixa marcado o início de uma situação (o começo das campanhas eleitorais). O humor da charge é produzido a partir da descrição linguística feita para caracterizar os políticos e suas aparições sazonais: um “pessoal que só aparece de quatro em quatro anos”. Somado a isso, há a representação visual da inocência na voz de uma criança que conversa com a mãe após ter sido abordada pelos políticos que estavam unicamente em busca de votos.

É importante também observar a escolha da palavra “atacar”, que geralmente alude a uma investida agressiva. Na charge em questão, por outro lado, esse verbo foi escolhido pelo locutor-chargista como forma de criticar aqueles políticos que, longe de estarem preocupados com os mais necessitados, apenas vão em busca do povo na época da eleição.

Na charge 5 a seguir, temos um caso de polifonia de enunciadores mais complexo, tendo em vista que são ativados sete diferentes enunciadores através de múltiplas estratégias semântico-argumentativas.

#### *Charge 5: Bolsonaro mecânico*

*Descrição da imagem:* Há dois personagens: um homem dentro de um carro quebrado e outro com trajes de mecânico de automóveis. O homem dentro do carro parado retrata um brasileiro comum. O mecânico, por outro lado, tem feições que visualmente lembram o ex-presidente Jair Bolsonaro. O motorista dentro do carro questiona o mecânico (Bolsonaro): “Cê disse que ia consertar esse trem, mas continua não funcionando...”. O outro então responde: “Põe na marcha a ré que ele anda!”.

A charge 5, do chargista Melado, foi publicada no Diário da Tarde em 2 de dezembro de 2018. No plano visual, L1, o locutor-chargista, apresenta-nos dois personagens. O primeiro, um indivíduo trajado de mecânico com ferramentas na mão (L3), retrata o ex-presidente Bolsonaro. O segundo personagem (L2) representa um brasileiro comum dentro de um carro que reclama que o automóvel não está funcionando.

Nessa charge, a polifonia de enunciadores é ativada, em primeiro lugar, através de dois recursos argumentativos: (1) a palavra negativa *não* e (2) o verbo de permanência de estado *continuar*. Teríamos, portanto, quatro enunciadores, ou pontos de vista:

E1: Está funcionando.

E3: Continua não funcionando. (Posto)

E2: Não está funcionando.

E4: Já não funcionava antes. (Pressuposto)

Ao enunciar E2, deixa-se pressuposto o enunciador positivo E1 (podemos nos encontrar assim). De modo similar, ao se enunciar E3, pressupõe-se a existência de E4 (já não funcionava antes). O locutor-personagem motorista assume os posicionamentos E2, E3 e E4, mas rechaça E1. Quanto a L1, ele assimila E2, E3 e E4, mas ironiza E1. Isso pode ser observado tanto através do plano visual da charge (a representação caricata dos personagens) quanto pela fala de L3, o ‘mecânico’, ex-presidente Jair Bolsonaro.

Além dos já apontados, há outro recurso linguístico ativador de polifonia, o operador argumentativo *mas* presente na fala de L2. Ducrot (1988) diz que esse operador chamado de *MasPA* ativa diferentes pontos de vista e ajuda a revelar como o locutor responsável pelo

discurso como um todo se posiciona a respeito dos pontos de vista que introduz. Na charge em questão, temos os seguintes posicionamentos ativados pelo *MasPA*:

- E5: Disse que ia consertar esse trem. E3: O trem continua sem funcionar.  
E6: O trem irá voltar a funcionar.(C. r) E7: O trem não irá voltar a funcionar.(C. Não-r)

É perceptível, pois, a presença de quatro enunciadores ativados pelo operador de contraposição *mas*; sendo um deles (E3), que é um enunciador compartilhado com a pressuposição ativada pelo verbo *continuar*. A enunciação de E5 leva à conclusão *r* (E6: o trem irá voltar a funcionar). Similarmente, a enunciação de E3 leva à conclusão *não-r* (E7: O trem não irá voltar a funcionar). Ao utilizar o *mas*, L2 aponta para a negação dos dois primeiros enunciadores apresentados na primeira porção enunciativa textual (E5 e sua conclusão *r* (E6) os quais, por sua vez, apontam para uma atitude positiva em relação à possibilidade de se consertar “esse trem” — metáfora para o Brasil como um todo. Com relação aos posicionamentos assumidos pelo locutor-personagem brasileiro e pelo locutor-chargista, eles apresentam E5, negam E6, aprovam E3 e E7.

Na charge 5, os efeitos de sentido transmitidos são de que o locutor-personagem Bolsonaro (L3) havia prometido que consertaria o trem (palavra informal para designar qualquer objeto ou coisa, muito comum em MG), mais especificamente, havia prometido consertar os problemas do país. No entanto, isso não teria acontecido, tendo em vista que os pontos de vista que apontam para conclusões positivas são todos rechaçados no texto, predominando os pontos de vista negativos (E2, E3, E4, E7).

O humor é construído a partir da integração semântica entre o plano visual e o textual da charge. A caracterização de Bolsonaro enquanto mecânico constitui uma metáfora para o papel do presidente, responsável por consertar os problemas da nação. O elemento cômico surge, no entanto, quando o mecânico (o presidente), que deveria consertar o carro/nação, não sabe ou não consegue fazer isso. Em vez disso, ele sugere que o brasileiro coloque o carro na marcha à ré, causando o retrocesso do carro e, por extensão, do país. Percebe-se, pois, que L3 é retratado ironicamente por L1 como alguém que não é competente para o cargo a ele comissionado e que seu governo teria trazido atraso ao Brasil.

## **Considerações finais**

Após a catalogação, a análise e a sumarização dos dados obtidos a partir dos textos de nosso *corpus*, pudemos constatar que o fenômeno semântico-argumentativo da polifonia de enunciadores é bem recorrente no gênero charge, estando presente em 47 (quarenta e sete) das 118 (cento e dezoito) charges, o que representa um total de 41,5% dos textos catalogados.

Esse relevante número de ocorrências sugere que a presença de pontos de vista, ou de enunciadores, é um fator comum no texto chargístico. Isso se torna notável, principalmente, se levarmos em conta que a charge jornalística é um gênero cujo espaço enunciativo serve como palco para a exposição de vários pontos de vista, por vezes, conflitantes dos sujeitos discursivos presentes no texto. Além disso, por causa do caráter opinativo do gênero, o locutor-chargista e os personagens criados por ele são porta-vozes de enunciadores, que, por sua vez, podem ser apresentados, rechaçados, ironizados ou assimilados.

De modo geral, observamos que a polifonia de enunciadores foi ativada por três estratégias semântico-argumentativas: o uso de enunciados negativos; de operadores argumentativos e de palavras ou expressões pressupositivas. Das três, o uso de enunciados negativos foi o mais comum para ativação da polifonia de enunciadores. Averiguamos que ele esteve frequentemente relacionado à ocorrência de palavras como *não*, *nem*, *sem*, ou seja, marcadores de negação que ativam dois pontos de enunciadores contrários entre si: um E1 positivo e um E2 negativo.

A estratégia semântica da negação contempla a ideia de que por trás de um enunciado negativo subjaz uma afirmação — ou ponto de vista positivo anterior (E1) — que é rechaçado por um ponto de vista atual negativo (E2). Constatamos também que o locutor-chargista frequentemente utilizou essa estratégia para colocar em cena um ponto de vista com o qual não concordava, para, em seguida, rechaçar esse ponto de vista e, por fim, apresentar o ponto de vista realmente assumido por ele.. O uso recorrente da negação no gênero charge pode ser explicado pela intenção comunicativa dos locutores-chargista em apresentar, em um primeiro momento, uma realidade social tida como problemática, tentar combatê-la, opondo-se a ela e depois apresentar uma proposta alternativa a essa realidade, de modo a levar o interlocutor à reflexão crítica em relação àquela situação.

O uso de operadores argumentativos foi a segunda estratégia semântico-argumentativa mais comum para ativar a polifonia de enunciadores. Observamos que esses operadores foram usados frequentemente pelo locutor-chargista para criar efeitos de sentido específicos dentro do enunciado e dar direcionamento ao texto chargístico em razão de determinadas conclusões.

Aqueles que foram os mais comuns nas charges de nosso *corpus* foram os operadores: *Já* e *só*. Quando inserido no enunciado, o operador “só” frequentemente levava o interlocutor a enxergar a negação de uma ideia de totalidade apresentada antes. Por sua vez, o uso do operador “já”, quando inserido em um enunciado, sugeriu uma mudança entre dois estados, um anterior e um atual, deixando marcado o início de uma situação que não havia começado antes.

A terceira estratégia semântico-argumentativa mais comum de polifonia, em charges, foi o uso de palavras ou expressões pressupositivas, notadamente, o uso de expressões ou

palavras iterativas, verbos de mudança ou de permanência de estado, assinalando pressuposição. Em nosso *corpus*, os mais recorrentes foram o marcador de permanência de estado “ainda”, o verbo de permanência de estado “continuar” e o marcador de mudança de estado “agora”. Observamos que esses marcadores de pressuposição foram usados frequentemente pelo locutor-chargista para deixar sinalizado para o interlocutor que, em determinado ponto, ocorrerá a mudança de um estado 1 para um estado 2, ou ainda, para deixar sinalizado que, até o presente momento, o estado anterior 1 continua vigente.

Constatamos que a presença de expressões pressupositivas de mudança ou permanência de estado, nas charges políticas de nosso *corpus*, estava amiúde associada às intenções comunicativas dos locutores-chargista em relacionar dois pontos específicos no tempo, geralmente, tendo como base a data oficial da votação eleitoral ou, então, um período anterior ou posterior a uma medida específica tomada pelo governo federal.

Em conclusão, a polifonia de enunciadores e o conceito de enunciador se mostraram produtivos na análise desse *corpus* em questão e foram determinantes para a compreensão da argumentatividade no gênero charge, tendo em vista que quase metade dos textos catalogados apresentaram alguma ocorrência desse tipo de polifonia. Desse modo, julgamos que foi válida a perspectiva que adotamos de utilizar a nomenclatura e os conceitos postulados por Ducrot (1987; 1988) a respeito do fenômeno da polifonia. Percebe-se, também, que a charge é um texto multimodal que apresenta uma crítica de caráter humorístico e reflexivo, geralmente, a um aspecto social que se deseja questionar. Assim, apesar de curta em tamanho, a charge é um texto rico em significação e se apresenta como palco para um constante diálogo entre vozes de diferentes sujeitos discursivos, que expressam diversos pontos de vista, os quais podem ser assimilados, rechaçados ou ironizados pelo locutor-chargista ou pelos personagens linguísticos que ele cria.

## **Referências**

- BARBISAN, L. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI, C.; BASSO, R. (orgs.). **Semântica, Semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.
- CAREL, M. **L'Entrelacement argumentatif**. Paris: Éditions Honoré Champion, 2011.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica e tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. **Polifonía y argumentación**: Conferencias del Seminário Teoría de La Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidade del Valle, 1988.
- KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOURA, H. **Significação e contexto**: uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis: Insular, 2000.

NASCIMENTO, H. **A construção da argumentação em charges políticas**: a (co)ocorrência da polifonia e da modalização discursiva. 2021. 216 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

PACHECO, G. **Retórica e nova retórica**: a tradição grega e a teoria da argumentação de Chaim Perelman. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 1997. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25334-25336-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ROMUALDO, E. **Charge Jornalística**: polifonia e intertextualidade. Maringá: Eduem, 2000.

## Sobre os autores

*Hugo Fernando da Silva Nascimento*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6669-4987>

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba, campus de João Pessoa. Professor da Educação Básica do Estado da Paraíba. Membro do grupo de estudo “Texto: produção e recepção sob vários olhares”.

*Erivaldo Pereira do Nascimento*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4595-1550>

Doutor em Letras pela UFPB. Possui estágio de Pós-Doutorado na Universidad de Buenos Aires – Argentina. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, credenciado ao PROLING e ao PROFLETRAS. Coordena o grupo de pesquisa “Texto: produção e recepção sob vários olhares”. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: argumentação, semântica e ensino, ensino de línguas, linguística textual.

Recebido em abr. de 2025.

Aprovado em jun. de 2025.